



Literatura interamericana e literatura brasileira nos Estados Unidos

Inter-American Literature and Brazilian Literature in the United States

Joelma Santana Siqueira

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais/Brasil

jandraus@ufv.br

<http://orcid.org/0000-0002-1975-887X>

Entrevista com Earl Fitz (Vanderbilt University)

Joelma Santana Siqueira: *Prezado Professor Fitz, muito obrigada por conceder esta entrevista para falarmos de literatura interamericana e literatura brasileira nos Estados Unidos. Antes de abordarmos esses assuntos, achei interessante o senhor informar no início de seu currículo que é “married with four children and four granddaughters”. É uma dimensão humana que, geralmente, deixamos de fora do currículo, por isso, gostaria de começar a entrevista perguntando sobre a importância dessa dimensão em sua vida profissional.*

Professor Earl Fitz: Eu agradeço a oportunidade de poder falar dessas questões. Sua primeira pergunta é fácil de responder. Para mim, a dimensão humana fica no coração de minha vida. Eu costumo dizer, como se diz no Brasil sobre Pelé e Garrincha, que gosto do meu trabalho (como a gente gosta ou admira Pelé), mas adoro (como adoramos Garrincha) a dimensão humana de minha vida.

JSS: *Sim, a comparação é famosa, conhecemos, por exemplo, a colocação “Pelé será sempre o mais admirado, Garrincha o mais amado”, atribuída*

ao antropólogo Ordep José Trindade Serra¹. A presente entrevista compõe um dossiê da Revista *O Eixo e a Roda*, dedicado ao tema “As interlocuções entre o Brasil e as literaturas de língua inglesa”. Como o senhor vê essas interlocuções?

EF: Acho importantíssimo o foco nas interlocuções entre o Brasil e as literaturas de língua inglesa proposto pela revista *O Eixo e a Roda*. No momento atual, estamos experienciando uma revolução na recepção da literatura e cultura brasileiras no mundo de fala portuguesa. Aqui nos Estados Unidos, o Brasil é cada vez mais estudado. A situação política é de grande preocupação nos Estados Unidos, mas também o bem-estar da floresta amazônica e todas as questões do meio ambiente que surgem disto. Ao mesmo tempo, muitos jovens norte-americanos estão querendo aprender mais sobre a cultura brasileira e sua rica literatura. Assim, o projeto da revista é de grande valor.

JSS: *No seu caso em particular, como se deu o interesse pela língua portuguesa e, mais especificamente, pela literatura brasileira?*

EF: Fiquei interessado pelo brasileiro (no espírito de Mario de Andrade e de Oswald de Andrade, prefiro falar brasileiro ao invés de português) quando era estudante da Universidade de Iowa, nos anos sessenta, por dois motivos: tinha ficado enamorado de duas coisas do Brasil – a garota de Ipanema e a música da bossa nova; e o futebol, que, naquela época de Pelé e Garrincha, era para mim uma coisa absolutamente maravilhosa. Nunca tinha visto tal coisa. Acho que fiquei mais enamorado do futebol do que da garota de Ipanema, mas esta era importante também. Fiquei interessado pela literatura brasileira por estudar, na universidade, com dois professores que a adoravam: Oscar Fernández, chefe do departamento de Espanhol e Português; e Mary Lou Daniel, que tinha escrito a sua tese sobre *Grande Sertão: Veredas*. Já que eu tinha interesse em estudos comparativos, eles me encorajaram a estudar a literatura hispano-americana e a literatura brasileira de forma comparativa. Gostei muito desta ideia. Não estou muito certo, mas acho que fui o primeiro estudante a graduar-se na universidade com

¹ BARBOSA, Irenilson de Jesus. Pelé e Garrincha: o gênio aclamado e o povo menosprezado pelas elites. *Poiesis do Irê*. 14 jun. 2014. Disponível em: <<https://poiesisdoire.blogspot.com/2014/06/pelé-e-garrincha-o-gênio-aclamado-e-o.html>>. Acesso em: 02. nov. 2021.

um mestrado nas duas línguas, Espanhol e Português, no novo programa combinado, recentemente estabelecido. Hoje em dia, descrevo o interesse que tenho pelas duas línguas com a comparação que fiz acima entre Pelé e Garrincha: admiro o Pelé (quer dizer, o Espanhol), mas adoro Garrincha (o Brasileiro).

JSS: *No artigo “A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960”, o senhor escreveu que*

quem trabalha com literatura brasileira conhece bem a dinâmica tradicional da influência, já que a maioria de nós passou a carreira lidando com a influência que outros autores, fossem eles da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos, exerceram sobre os brasileiros. No caso de Machado de Assis, por exemplo, já estudamos muito o impacto que tiveram na sua obra pensadores e escritores como Pascal, Sterne, Cervantes, Flaubert, Shakespeare e Dante. No entanto, até agora, tivemos menos oportunidades de estudar a influência que autores brasileiros exerceram sobre escritores de outras culturas e tradições (FITZ, 2012, p. 25).

Em seu artigo “The Influence of Machado de Assis on John Barth’s The Floating Opera”, publicado em 1986, vemos essa oportunidade. Poderia comentá-lo um pouco?

EF: Barth me disse isto em uma conversa que tivemos sobre a questão do interesse que ele tinha por certos escritores da América Latina: Borges, Cortázar e García Márquez, da América Hispânica; e Machado, do Brasil. Ele tinha lido Machado na biblioteca da Universidade do Estado da Pennsylvania (Penn State) enquanto lecionava nessa instituição.

Barth, um tipo muito simpático, me disse que gostava de *Epitaph of a Small Winner (Memórias póstumas de Brás Cubas)*, *Quincas Borba*, e *Dom Casmurro*, todos tinham boas traduções inglesas. Disse também que, depois de ler estes três romances, achava Machado um niilista, e que o niilismo era um tema que ele queria cultivar em seu primeiro romance, *The Floating Opera*.

Era importante que John Barth tivesse interesse em Machado porque ele também era um crítico muito influente. Mas, depois de reconhecer a influência de Machado no primeiro romance, *The Floating Opera*, abandonou Machado em favor dos escritores hispano-americanos, sobretudo Borges e García Márquez, que começavam a receber muita atenção da crítica

impressa. Mas Machado ficou sendo a primeira, e libertadora, influência sobre Barth.

JSS: *Seu doutorado foi concluído em 1977 na Universidade de Nova York, sob orientação do professor Gregory Rabassa, com tese sobre o romance de Clarice Lispector. Como foi seu encontro com a narrativa dessa escritora? O senhor considera que a obra de Lispector nos Estados Unidos conta com boas traduções e, atualmente, já podemos falar em diferentes momentos dessa recepção?*

EF: Conheci Clarice quando li *A Maçã no Escuro*, em um seminário com o grande tradutor Gregory Rabassa, na primavera (março) de 1971. Adorei o romance. E soube imediatamente que iria escrever a minha tese sobre a obra de Clarice. Gostei do estilo poético e filosófico dela, mas também da importância da linguagem como sistema semiótico. E do poder das palavras e da linguagem para criar, desfazer e depois recriar identidades humanas.

E sim, Clarice tem tido boa fortuna na sua existência como escritora traduzida.

Nos anos sessenta e setenta, Clarice só existia em tradução inglesa, na forma dos contos de *Family Ties (Laços de Família)* e do romance *The Apple in the Dark (A maçã no escuro)*, traduzidos, de maneira brilhante, pelo Greg Rabassa, que promulgava a excelência de Clarice. Naquela época, a escritora não tinha a fama que tem hoje em dia.

Sim, absolutamente. Podemos falar, sim, de momentos distintos de sua recepção nos Estados Unidos. Nos anos setenta, quando Clarice começou a ser traduzida para o inglês, ela era conhecida apenas em pequenos círculos acadêmicos. Hoje, a situação é bem diferente. Clarice é uma celebridade, uma estrela internacional. Tudo isto se deve às novas traduções que agora existem, à promoção mais sistemática que ela tem recebido e ao poder da internet, onde Clarice vive como a craque literária que ela é. Hoje, Clarice tem uma presença forte na consciência dos que gostam da literatura mundial.

JSS: *Por falar em tradução, como o senhor vê a recepção da literatura brasileira contemporânea nos Estados Unidos? Há editores interessados em publicar a literatura brasileira? Há tradutores interessados em traduzi-la?*

EF: A recepção da literatura brasileira nos Estados Unidos hoje está crescendo mais e mais a cada ano. Uma nova geração de norte-americanos entende mais do que nunca as muitas diferenças que distinguem o Brasil da

América Hispânica. Estamos vendo mais e mais boas traduções de textos brasileiros. Autores como Rubem Braga, Nélide Piñon, Regina Rheda, Adriana Lisboa e JP Cuenca estão aparecendo em novas traduções de escritores como Elizabeth Lowe, Allison Entrekin, Ezra Fitz (sim, o nosso filho) e outros. Assim, temos uma nova geração de tradutores interessados sobretudo na literatura e cultura do Brasil. O futuro das letras brasileiras nos Estados Unidos é muito positivo. A questão dos editores é diferente e mais complicada. Temos editores interessados na literatura brasileira, como a casa Alfred A. Knopf, que há muitos anos publicou Clarice e Guimarães Rosa em inglês. Mas o problema, hoje em dia, tem a ver com o mercado comercial. Com respeito à ficção, à poesia e ao teatro brasileiros, este mercado, nunca grande, não está crescendo rapidamente. O público norte-americano não tem tanto interesse em comprar livros de escritores estrangeiros quanto tem de escritores dos EUA.

JSS: *No artigo “The Reception of Machado de Assis and Clarice Lispector in the United States and Beyond”, publicado recentemente na revista Gláuks, o senhor deu ênfase ao trabalho comparatista do crítico uruguaio Emir Rodríguez Monegal. Ele seria um precursor dos estudos da literatura interamericana?*

EF: Sim, a importância do crítico uruguaio e, nos anos sessenta, da Universidade Yale é enorme para os que queriam praticar uma abordagem comparativa do estudo das letras hispano-americanas e brasileiras. Mas, para os que queriam aplicar a lente comparativa ao estudo das literaturas das Américas, a influência do Monegal não foi tão forte. Embora Monegal falasse muito e bem das várias comparações que a gente poderia fazer entre Brasil e a América Hispânica, ele raramente falou de autores e textos norte-americanos. Isso foi feito por pessoas que, como eu, estudam as literaturas e culturas brasileiras e hispano-americanas pensando-as como plataforma dos estudos que incluem as literaturas dos Estados Unidos, Caribe e Canadá. Considero Monegal um pioneiro do comparatismo latino-americano (Brasil e Hispano-américa), mas não um precursor do interamericanismo.

JSS: *Como o senhor define os estudos da literatura interamericana frente aos estudos da literatura latino-americana?*

EF: Comecei a conceitualizar estudos interamericanos nos anos sessenta, como estudante na Universidade de Iowa. Para mim, as literaturas do Brasil e da América Hispânica formam a base, a fundação, da literatura interamericana. Mas a literatura brasileira tem uma importância singular neste contexto hemisférico; eu a considero como a literatura mais representativa da experiência americana na sua totalidade. Vejo a literatura brasileira como o protótipo da perspectiva interamericana, a única cultura americana que pratica o interamericanismo de uma maneira inclusiva como uma tradição longa e viva. Ao assumir esta posição, eu aponto para autores brasileiros como Sousândrade, Mathias de Carvalho, Ronald de Carvalho, Marcus Accioly, Regina Rheda, entre outros.

Para mim, então, o estudo comparativo das literaturas do Brasil e da América Hispânica é uma disciplina (cada vez mais popular em departamentos de Espanhol e Português), mas a disciplina do estudo das letras interamericanas é outra, embora a segunda (o interamericanismo) dependa da primeira (estudos comparativos que ligam o Brasil e a América Hispânica). É por isso, que os que utilizam uma lente comparativa para examinar as letras da América Latina (Brasil e Hispano-américa) podem praticar o interamericanismo com mais precisão, profundidade e contexto histórico hemisférico.

O estudo ideal do interamericanismo, para mim, lida com, pelo menos, três das nossas literaturas americanas. Sempre tem dois passos essenciais: 1. estabelecer o que textos diversos têm em comum (questão de tema, assunto, forma – poesia épica, romance, conto etc. –, ou de período, o romantismo, o modernismo etc.); 2. explicar as diferenças que caracterizam cada texto, questões de estilo, vocabulário, tom, contexto sociopolítico etc. Assim, para mim, o comparatismo sempre tem a ver com estas duas perguntas: quais as semelhanças que existem e quais as diferenças que marcam cada texto estudado.

JSS: *O estudo da literatura interamericana desperta interesse nos jovens estudantes norte-americanos? Qual o perfil do estudante que busca essa disciplina?*

EF: Sim, os jovens norte-americanos têm, cada vez mais, interesse na perspectiva interamericana. Querem saber mais dos autores e textos não só da América Hispânica, mas também do Brasil. Há duas fontes principais de que surgem esse tipo de estudante nos Estados Unidos de hoje: os que vêm

de departamentos de Espanhol e Português (que são numerosos nos EUA) e que gostam da metodologia comparativa; e os que vêm de departamentos de Inglês e Literatura Americana (quer dizer, dos Estados Unidos).

JSS: *Em 1985, o senhor publicou o livro Clarice Lispector (1985); em 1989, Machado de Assis. Recentemente, em 2019, publicou Machado de Assis and Narrative Theory: Language, Imitation, Art, and Verisimilitude in the Last Six Novels. Atualmente, prepara Clarice Lispector: from Brazil to the world. Quais as dificuldades para a realização desses trabalhos de pesquisas sobre a obra de escritores brasileiros nos Estados Unidos?*

EF: Não tive problemas para conseguir os textos que queria ler. O pessoal das bibliotecas universitárias onde eu trabalhava antes e onde trabalho atualmente me ajudaram a conseguir todas as matérias de que precisava. Fico muito feliz em poder dizer que as bibliotecas universitárias nos Estados Unidos (não sei das bibliotecas públicas) estão investindo mais dinheiro no Brasil, na literatura brasileira e, ainda mais, nos assuntos da política brasileira, de sua economia e do meio ambiente. O nosso filho Ezra Fitz acaba de completar uma tradução de um autor brasileiro que escreve sobre o estado atual da floresta amazônica e já tem uma casa editorial. O nome da editora me escapa neste momento. Assim, podemos concluir que, nas universidades norte-americanas, ao menos, a presença do Brasil está aumentando.

Nunca tive problema para achar uma casa editorial para os meus estudos. Além disto, os meus colegas aqui reportam a mesma coisa; embora o mercado seja pequeno, a população universitária aqui tem tido interesse no Brasil. No geral, não o entendem bem (a América Hispânica inspira mais interesse), mas a gente reconhece a grande importância que tem o Brasil, nas Américas e, atualmente, no mundo. E em disciplinas como Economia, Ciência Política, Sociologia, História, Meio Ambiente, Educação, Saúde Pública, Medicina, Lei. Estamos entrando agora mesmo em um período de crescimento do interesse a respeito do Brasil. E acho que vai continuar. E com boa razão; o Brasil é tão importante. Um dos nossos outros filhos, Dylan (o apelido dele é “o Garrincha do Norte” porque mora bem no Norte dos EUA, num estado que se chama Wisconsin) estuda a economia do Brasil, mas, sobretudo, o problema da pobreza e da fome.

JSS: *Em preparação, o senhor também tem o livro *The Evolution of literatura in the Américas: a timeline and commentary*. Pode-se dizer que esse livro contém uma abordagem prática dos estudos de literatura interamericana?*

EF: Sim, o meu livro *The Evolution of Literature in the Americas: A Comparative History* oferece uma abordagem muito prática para os estudantes e professores que gostam da literatura interamericana ou que gostariam de saber mais sobre ela como disciplina. Começa com a época pré-Colombiana e continua, século por século, até o momento atual. Inclui autores e textos de todos os jogadores do grande jogo Americano, ou seja, da América indígena, Canadá (de expressão francesa e inglesa), Estados Unidos, Caribe, América Hispânica e Brasil. O texto é prático porque uma pessoa pode lê-lo como especialista em qualquer das literaturas nacionais das Américas e aprender nomes de autores de outras culturas Americanas que precisa saber e títulos de outros textos que precisa ler. Na época colonial Americana, os nomes de Gregório de Matos e António Vieira figuram de uma maneira proeminente. E na segunda metade do século XIX, o nome Machado de Assis chega a ser importante. E no século XX, os nomes de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, entre outros.

Mas não ofereço apenas uma lista de autores e textos; tenho também comentário comparativo, um comentário que mostra a relevância de cada autor ou texto relacionado a outros autores ou textos da mesma época. Acho que esta história da literatura Americana vai ser útil para os que querem aprender mais sobre a disciplina que se chama “Literatura Interamericana”. Na introdução, explico também porque acho a literatura brasileira a mais prototípica de todas as literaturas Americanas.

JSS: *Para o pesquisador interessado em estudar a literatura brasileira nos Estados Unidos, o senhor destacaria algumas instituições como referência por causa da relevância de seus acervos, pesquisadores, linhas de pesquisa etc.?*

EF: Eu diria que algumas instituições boas para o estudo da literatura brasileira incluem Brown University, Princeton University, Yale University, Harvard University, the University of Chicago, Stanford University and the University of California, Berkeley.

Referências

FITZ. Earl. A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960. *Machado de Assis em linha*. Rio de Janeiro. v.5, n.9, p.24-52, jun. 2021.

FITZ. Earl. The Influence of Machado de Assis on John Barth's *The Floating Opera*. *The comparatist*. v.10, May, 1986.

FITZ. Earl. The Reception of Machado de Assis and Clarice Lispector in the United States and Beyond. *Gláuks – Revista de Letras e Artes*. v.20. n.2, p.17-34, 2020.

FITZ. Earl. *Clarice Lispector*. Boston. Twayne Publishers, a division of G. K. Hall, 1985.

FITZ. Earl. *Machado de Assis and Narrative Theory: Language, Imitation, Art, and Verisimilitude in the Last Six Novels*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2019.

FITZ. Earl. *Machado de Assis*. Twayne Publishers, a division of G. K. Hall, 1989.

Recebido em: 13 de abril de 2021.

Aprovado em: 30 de junho de 2021.